

## RECURVOS, COMPOUNDS, BESTAS E ESPERAS AOS JAVALIS

Já há algum tempo que me ando a escapar de escrever umas coisas sobre este assunto, mas agora é que é.

Não quero levantar polémicas, limito-me apenas a dar a minha opinião, baseada na experiência e nos muitos relatos de esperas aos javalis que tenho ouvido e lido, por parte de vários arqueiros da nossa praça e não só.

Tomem estas linhas como o meu conselho para aqueles que estão hesitantes na modalidade de caça a escolher, com flecha ou virotão.

E começo por dizer que *o que é realmente notório é que as bestas estão a dar que falar, e tenho de concordar com alguns confrades que dizem que é o melhor dos três instrumentos para uma espera nocturna ao javali: anda sempre armada, é só tirar a segurança, apontar e puxar o gatilho.*

Com um tiro tenso excelente, com uma amplitude de elevação mínima para as distâncias de tiro normais, com um óculo claro e bem afinado, não haverá motivo para falhanços, a não ser que se estique demasiado a distância de tiro, e que os nervos prejudiquem o disparo. Terá inconvenientes, como o peso, mas numa espera o mesmo é desprezível.

Com uma besta, tanto se atira a um javali a 20 metros, como a um que se queira sentar ao nosso colo.

Com o arco compound a coisa já é diferente. É uma arma excelente para tiros a partir de palanques, *tree-stands*, *blinds*, aproximações, seja o que for...mas de dia! É o que vemos no Youtube, nos EUA. Nas esperas nocturnas aos javalis, as vantagens do compound (extrema precisão, muita energia, facilidade em apontar devido ao *let-off*) são diminuídas e a complicação do uso deste tipo de arco aparece.

O compound com mira implica uma muito correcta avaliação de distâncias, uma postura de tiro mais clássica, e uma distância maior à presa. Vamos dar um exemplo que corresponde à realidade vivida já por alguns de nós:

Estamos sentados no nosso posto, encostados a um sobreiro, e a uma distância razoável do nosso cevadouro (vamos supor que são 15 metros). O vento é muito fraco, mas vai-nos servindo.

Começamos a ouvir um javali isolado, que se aproxima cautelosamente do cevadouro, vindo duma posição lateral. Vem desconfiado, entra rapidamente no cevadouro, revolve o milho com o focinho, e esconde-se no mato, a aventar hipotéticos inimigos.

Estamos com o compound na mão, e só tivemos tempo de, no máximo silêncio, acender a luz da mira. Tentamos encaixar o disparador na corda, quando o javali volta e nos aparece muito próximo, a 4 ou 5 metros... e fica à espera. Ficamos paralisados, com medo de o assustar, e lentamente, já com o disparador na corda, tentamos abrir o nosso arco de alto rendimento e de 70# de força...A nossa posição não é a melhor, o movimento é visível, o porco eriça-se, tentamos meter o primeiro *pin* (está regulado para os 15 metros) no *peep*, e colocar o tiro um pouco mais baixo. O javali não aguenta mais, e foge.

Isto corresponde rigorosamente à realidade, porque eu já assisti a pelo menos duas cenas deste género, e ouvi histórias de outras tantas faenas.

Para evitar estas situações, os postos de espera para compounds deverão, a meu ver, ser elevados e a uma distância razoável, que para mim, repito, será entre os 15 e os 20 metros (defendo esta distância e posição de tiro porque se vê melhor, porque se está relativamente resguardado de algum ruído e cheiros, e porque o ângulo da flecha, ao entrar no animal, é mais vantajoso). Poderão ter algumas marcas que definam a distância à base do posto (postes de cerca, pedras, manchas de areia clara no solo), de modo a que os atiradores saibam, sem recorrer a *rangefinders*, a distância exacta a que está a sua presa (que entretanto se pode ir movendo de um lado para o outro).

Voltando à nossa história: com uma besta o javali era nosso, mal entrou da primeira vez.

E com um recurvo ou longbow também; até mesmo quando o animal entra pela segunda vez, a poucos metros de nós.

E aqui é que está o busílis: Qual é o critério que usamos para escolher os nossos instrumentos?

Escolhemos a besta, porque é muito eficiente e afinação e treino *relativamente* fácil. E há competições de besta...podemos praticar.

Escolhemos o compound, porque gostamos dos arcos, das novas tecnologias, da extrema precisão e velocidade, e da tranquilidade que nos dá no que toca à nossa (passe o termo) *capacidade* de acertar num bicho. E porque também competimos com o compound, numa classe de tiro aguerrida com convívio garantido.

O recurvo e o *longbow*...escolhemos pouco. Conheço poucos caçadores de recurvo e longbow, em Portugal; se calhar conto pelos dedos de uma só mão. E porquê?

Só vejo uma explicação: exige muito treino, se quisermos atirar eficazmente com estes arcos, e sem miras. E é mais do que verdade, exige mesmo o treino mais constante. Mas temos um campeão da Europa, e temos tradições de responsabilidade nesta forma de atirar, com alguns campeões do Mundo.

De qualquer forma, quanto a mim, *é o método de caça mais compensador*, quer em termos pessoais, quer pelo prazer que se tira do treino diário, quer finalmente pela segurança que se sente aos estarmos num posto de espera, sem termos que pensar em miras, parafusos desapertados, *rangefinders*, rampas barulhentas, disparadores, etc.

É tudo menos complicado.

É muito raro eu precisar de luz, mesmo quando a lua se esconde por detrás de nuvens cerradas. Só preciso de ver o alvo, o seu perfil, e saber a posição em que está. Mais nada.

Também se fala por aí do menor rendimento dos arcos tradicionais. E é verdade, têm um menor rendimento, e são mais lentos, mas perfeitamente capazes de desempenhar a sua função na caça, desde que tenham uma força suficiente (qualquer arco tradicional moderno com uma potencia *útil* de 50 #), e que possam lançar uma flecha

com um peso mínimo de 9 *grains* por libra, com um FOC elevado e com uma boa ponta de 2 lâminas, bem afiada e de grande eficiência mecânica.

Veja-se este vídeo: o arco recurvo tem 70#, mas é usado para um búfalo cafre, o animal considerado mais difícil de penetrar...

<http://www.youtube.com/watch?v=qlfKpW3RDt0&feature=colike>

Queremos um “*momentum*” elevado; a energia cinética não é só, *per si*, tradutora da eficácia da nossa arma.

*Perde-se mais caça pelos tiros mal colocados do que por falta de penetração.*

Tenho ainda que concordar que os tiros a menor distância do *longbow* e do recurvo exigem uma preparação mais conscienciosa do posto de espera, e que às vezes as coisas se complicam quando queremos estar mesmo em cima do assunto. Mas quando não dá...não se atira.

Isto já vai longo; espero que tenha sido minimamente útil.

Deixo aqui a sugestão de se organizarem uns treinos nocturnos; eu estarei disponível para estar lá com o recurvo, para conviver, aprender com todos e transmitir aquilo que aprendi, assim como alguns pequenos truques para aplicar nos postos...

Um abraço do JB